



O jovem Aktô no posto PV-1: muitas visitas, muitos presentes e o convite aos brancos: "Vem comigo"

Especial

Os Arara saem da mata

Após muita guerra e onze anos de total afastamento, os difíceis índios da tribo dos Arara aceitam contato com sertanistas da Funai

Cercado de brancos cautelosos, o jovem índio de 13 anos, vestindo camisa estampada e calção de futebol, apruma o boné onde se lê "Itaipu Binacional" e parte para a floresta, levando um pesado facão, também presente dos brancos. Vai gritando "Yenepitá, yenepitá" ("Vou embora, vou embora"). Mas Aktô, esse jovem índio pertencente à arredia tribo dos Arara, volta pouco depois, inteiramente nu — portando nada mais que pulseiras de palha, colares e um pedaço de madeira atravessado no nariz. Repete-se então a cerimônia: ele se enche de badulaques dados pelos frentistas da Funai e mergulha na mata, rumo à sua aldeia.

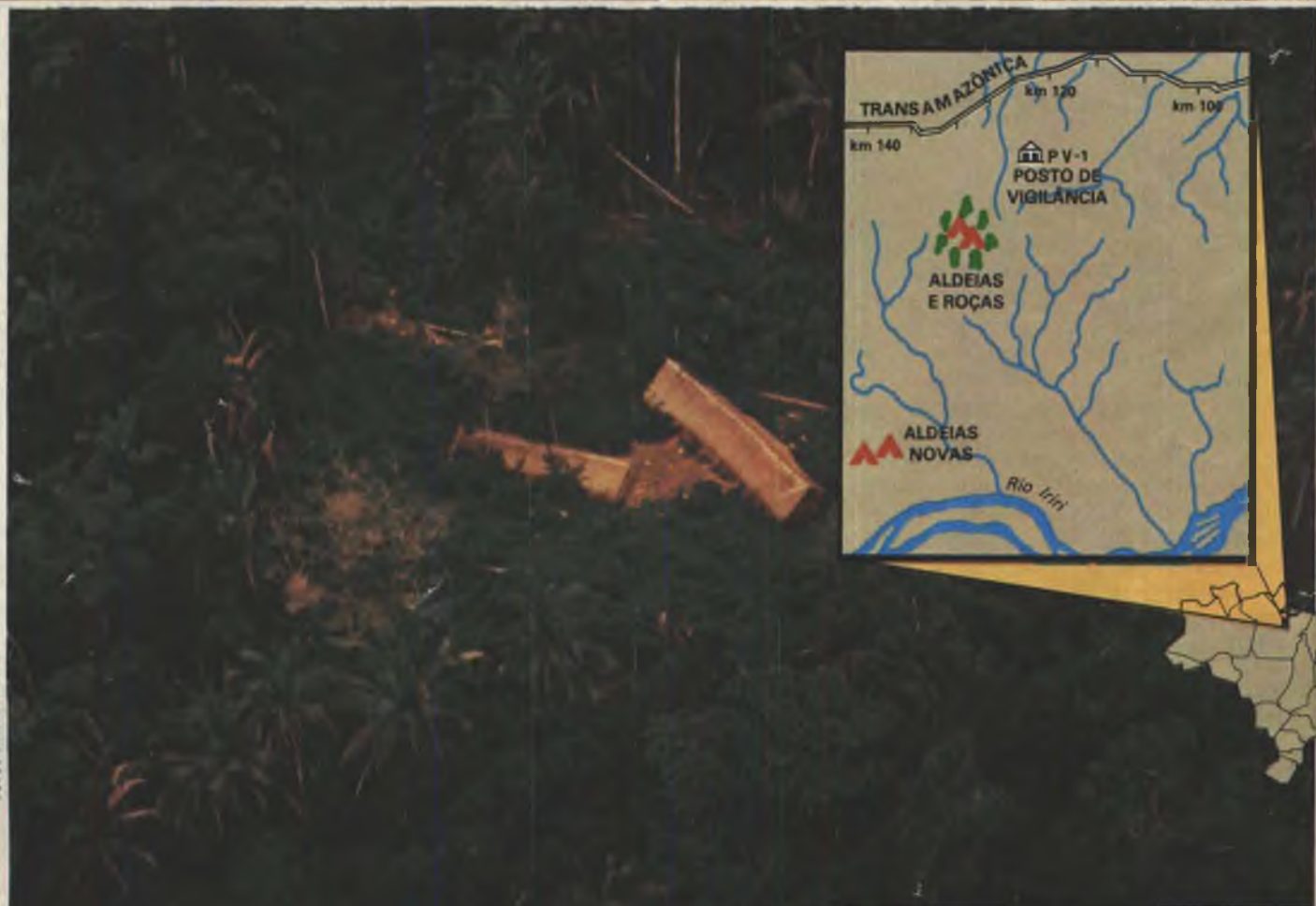
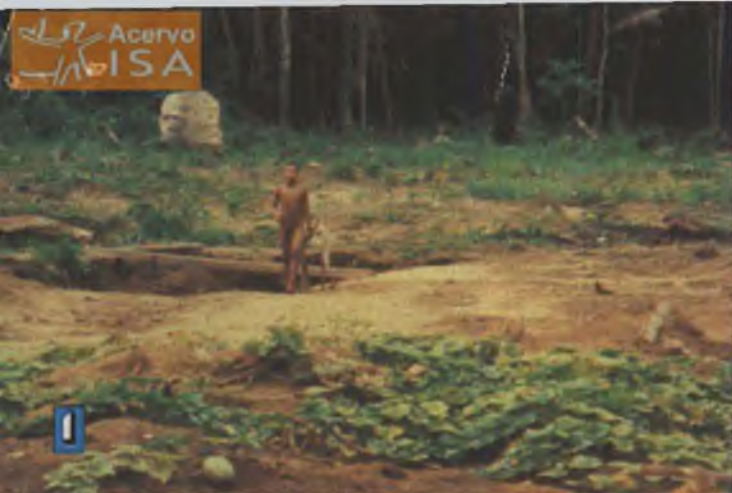
Foi às 4 e meia da tarde de um domingo, dia 22 de fevereiro passado. A visita

do jovem Aktô ao posto PV-1 da Funai, numa área do Pará perto de Altamira, era mais um dos vários encontros iniciados vinte dias antes, quando um grupo de cinco índios Arara apareceu no posto e interrompeu um divórcio que já durava onze anos. Esse contato, resultado de um paciente trabalho do sertanista Sidney Possuelo, tira os Arara, hoje uma escassa tribo de 150 homens, vivendo culturalmente na Idade da Pedra Polida, da reduzida lista de comunidades indígenas ainda não contatadas pela Funai.

O trabalho de Possuelo e de seus onze ajudantes — entre os quais um índio Txicaço, Karaiwá, que às vezes consegue ser intérprete — está, na verdade, apenas começando (veja o quadro na página 66). O longo cerimonial das frentes de atra-

ção começa com a simples aproximação física, que é fundamental, mas seguem-se várias etapas delicadas, até que a aldeia índia possa ser visitada, seus objetos conhecidos, sua história e suas lendas identificadas. Depois do histórico encontro de fevereiro, porém, a tribo não é mais um mito cultural. Encravados na mata, à altura do quilômetro 120 da Transamazônica, divididos ao meio por essa

Na seqüência da página ao lado, uma visita do jovem Aktô ao posto, no último dia 22. O sertanista vai recebê-lo na mata e o leva até o barraco. Embaixo, uma das poucas aldeias arara, perto do posto





A equipe de atração com os presentes índios: a vitória após onze anos

estrada em 1970, os Arara foram até considerados extintos pelo antropólogo Darcy Ribeiro, em seu clássico "Os Índios e a Civilização", de 1957.

GILETE DE MADEIRA — Em tempos recentes, eles carregaram nas costas a fama de cruéis matadores, que cortam a cabeça do inimigo e colecionam crânios. As vezes são até mesmo ignorados. Como lembra o sertanista Possuelo, "os colonos, chegando a Altamira, costumam

dizer que os Arara são uma invenção da Funai". O sucesso de Possuelo e seu grupo é coisa para a rotina da Funai. Convidado para assumir a frente de atração em abril do ano passado, ele herdou um impasse resultante de um sério ataque índio ao posto, nove meses antes.

Mas traçou logo seus planos: construiu dois grandes barracos semelhantes aos das aldeias índias, plantou hortas, criou galinhas, evitou cães — "os índios têm pavor deles" — e fechou estradas



Aktô, ouvindo música sem flauta

próximas para que nenhum branco o atrapalhasse. "O contato era secundário. Era preciso mostrar que éramos diferentes. E esperei que eles viessem até nós." Para evitar riscos, instalou junto à clareira oito postes com luzes bem fortes — e

Uma raça quase extinta: o sertanista

Os 230 grupos indígenas existentes no Brasil em 1900, e hoje praticamente reduzidos à metade disso, deverão sobreviver a um grupo ainda menor e ameaçado de extinção: os sertanistas, que atualmente não passam de 21 em todo o país, espremidos entre o branco que atira para matar e o índio que ataca para se defender. O mineiro Sidney Possuelo, 40 anos, casado e com dois filhos, é um desses poucos, e, ao lado de Apoena Meirelles, forma a linha de frente dos sertanistas da Funai. Cansado de trabalhar num escritório da Funai em São Paulo, ele decidiu transferir-se para a selva, há quinze anos. "No Xingu, quando cheguei, ia dormir morto de medo", lembra ele — hoje um profissional escolado, que já pegou malária 28 vezes, e integrou as



Possuelo: com novo logotipo

frentes de atração dos índios Suruí, dos Kranhacarore, e dos Guajá, no Maranhão, entre outras.

Empenhado, desde o ano passado, no contato com os Arara, ele in-

troduziu algumas inovações no trabalho. Mudou até o uniforme e criou um logotipo mais familiar aos índios — um círculo cortado em dois, simbolizando a tribo dividida pela estrada. Agora, ele trava uma luta contra o tempo: os colonos brancos podem significar uma nova fuga dos índios, ou mesmo epidemias fatais à já reduzida tribo.

Às vezes, há problemas insolúveis. Em 1974, por exemplo, o INCRA vendeu ilegalmente à poderosa cooperativa gaúcha Cotrijuf uma ampla área que abrangia toda a reserva dos Arara. Seguiram-se quatro anos de luta entre índios e colonos, até que em 1979 a Funai isolou novamente a tribo, numa faixa entre os quilômetros 80 e 160 da Transamazônica. Agora, um novo

problema está surgindo, com a Eletronorte: ela está projetando uma represa no rio Xingu, e com ela vai alagar, brevemente, cerca de um terço do território dos Arara.



Com um caminhão de brinquedo...

FOTOS CARLOS NAMBA



...e aprendendo a chutar, Aktô é hoje uma visita freqüente ao posto



Uma arma para a atração: roupas

só acesas em caso de ataque. Esse sistema salvou o PV-1 de um ataque, na noite de 12 de julho passado: naquela ocasião, quatro índios chegaram em silêncio, na hora do jantar, e dispararam flechas pelos buracos da parede. Dois frentistas ficaram feridos.

“NÃO TEMOS LUGAR” — A aproximação de fato começou em setembro, quando alguns índios começaram a apanhar os presentes que os frentistas lhes deixavam num local próximo da clareira. Os índios agradeciam também com presen-

tes, como a bebida alcoólica *cachiri*, feita com o suco de *inajá*, um tipo de coco. O *cachiri* vinha em *tabocas*, garrafas de taquara. Os Arara davam também jabo-tis, mel, enfeites de palha. E, quando queriam um presente repetido, deixavam no local uma réplica do objeto em madeira. Assim, o PV-1 tem hoje, só de facões e machados de madeira, cerca de 500. Tem até uma lâmina de barbear, perfeitamente recortada em madeira.

O contato definitivo começou no dia 2 de fevereiro. Cinco índios apareceram, gritaram aos frentistas algo traduzido como “Saíam de nossa terra”, sumiram, voltaram — e por fim se acalmaram e aceitaram a proximidade dos brancos. Nos dois dias seguintes novos encontros. Num deles, um velho índio fez um infindável discurso de uma hora e meia, abso-

lutamente incompreensível para o pessoal do posto. Entendendo alguns trechos, o intérprete Txicao os resumiu assim: “Meu povo andou muito tempo, correndo, correndo, muita gente, todo lado. Não podemos ir para outro lugar”.

Desde então, os índios já levaram mais bebidas, tocaram flauta e dançaram batendo o pé no chão. O jovem Aktô, mais assídua presença no posto, já andou no jipe, mexeu em um toca-discos e até se divertiu com um máquina fotográfica. Quando Aktô se despede, ele costuma dizer “Neneba”, “vem comigo”. O sertanista Possuelo agradece, mas espera um convite formal dos adultos: “Só quando eles vierem com suas mulheres e crianças é que o caminho da aldeia estará mesmo aberto para nós”.

LUIZ CLAUDIO CUNHA, de Altamira



O menino e sua rotina: saindo cheio de presentes — para voltar sempre nu